

DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Outubro 2020

GUIA DE LEITURA

**Uma Educação – Tara Westwod**

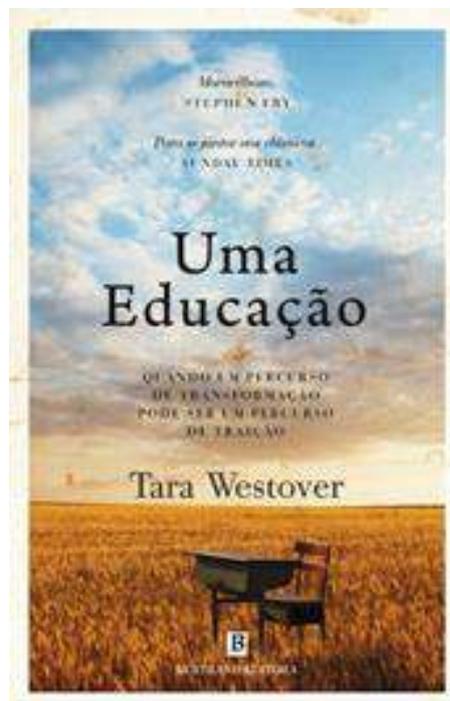


## TARA WESTOVER

**Biografia:** Tara Westover (nascida em 27 de setembro de 1986) é uma memorialista, ensaísta e historiadora americana. O seu livro de memórias *Uma Educação* (2018) estreou em primeiro lugar na lista de bestsellers do The New York Times e foi finalista de vários prêmios nacionais, incluindo o LA Times Book Prize, o PEN America's Jean Stein Book Award e dois prêmios do National Book Critics Circle Award. O New York Times classificou *Uma Educação* como um dos 10 melhores livros de 2018. Por causa de seu livro, Westover foi escolhida pela revista Time como uma das 100 pessoas mais influentes de 2019.

### **Sinopse de *Uma Educação*:**

Tara Westover cresceu a preparar-se para o Fim dos Tempos, para ver o Sol escurecer e a Lua pingar, como que de sangue. Passava o verão a conservar pêssegos e o inverno a cuidar da rotatividade das provisões de emergência da família, na esperança de que, quando o mundo dos homens falhasse, a sua família continuasse a viver. Não tinha certidão de nascimento e nunca pusera um pé na escola. Não tinha boletim médico, porque o pai não acreditava em médicos nem em hospitais. Não havia quaisquer registos da sua existência. O pai foi ficando cada vez mais radical com o passar do tempo, e o seu irmão, mais violento. Aos dezasseis anos, Tara decidiu educar-se a si própria. A sua sede de conhecimento haveria de a levar das montanhas do Idaho até outros continentes, a cruzar os mares e os céus, acabando em Cambridge e Harvard. Só então se perguntou se tinha ido demasiado longe. Se ainda podia voltar a casa. *Uma Educação* é a história apaixonante de uma mulher que se reinventa. Mas é também uma história pungente de laços de família e de dor quando esses laços são cortados. Com o engenho dos grandes escritores, Tara Westover dá forma, a partir da sua experiência singular, a uma narrativa que vai ao cerne do que é a educação e do que ela nos pode oferecer: a perspetiva de ver a vida com outros olhos e a vontade de mudarmos.

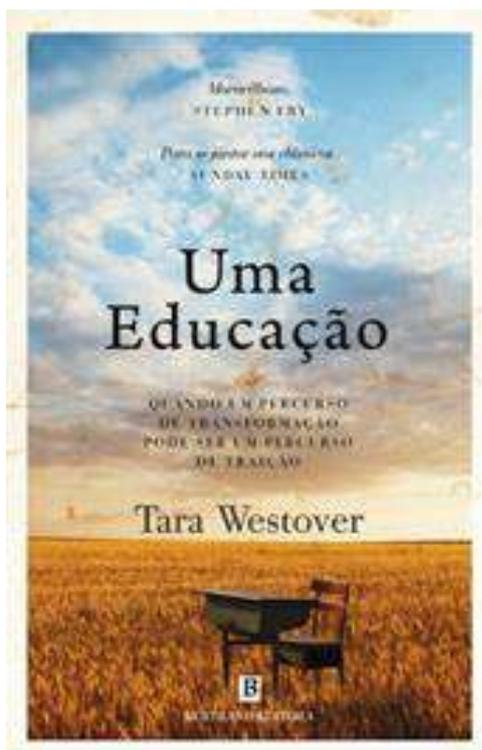




Cresceu sem certidão de nascimento, sem ir à escola ou ao médico, numa família de religiosos radicais que a preparavam para o fim do mundo. Aos 17 anos, ficou chocada com a dimensão da sua ignorância. Dez anos depois tinha um doutoramento por Cambridge e escreveu as memórias. Uma Educação é uma prova de resistência também na leitura. Ela conta aqui como foi.

Isabel Lucas, 20 fev.2019 – Público

Percorrer as montanhas do Idaho é ter a sensação forte de que alguém pode ficar ali esquecido — ou deixar-se esquecer — para sempre. Sem a extensão das imensas planícies do Sul que iludem acerca da possibilidade de um olhar infinito, capaz de abarcar tudo, o horizonte recortado do extremo noroeste dos Estados Unidos permite o recolhimento de uma toca. É um lugar que sugere a hipótese de ser, em grande parte, inexpugnável. Viver como um eremita entre o gelo dos invernos longos e o verde da floresta recortado pela neve derretida em linhas de água no verão generoso faz parte do imaginário variado da América. Talvez por isso, Tara Westover pudesse ter existido ali como se não existisse de facto.



Até aos nove anos não teve certidão de nascimento. Até aos 17, nunca frequentou uma escola e nunca foi a um médico. Não sabia o dia em que nasceu e não achava isso estranho. Achava que todos podiam escolher a data de celebrar o aniversário. No seu caso, a mais conveniente a cada fim de Setembro. No mundo de Tara Westover todos trabalhavam, crianças e adultos; as mulheres mais, porque a tudo o resto acumulavam as tarefas domésticas e a maternidade. Aos domingos ia à missa e vagueava pela sucata do pai. Pelos montes.

Não é um filme, não foi num tempo longínquo, não é mito, mas faz parte de uma mitologia de vida. Rara, violenta, dogmática, com momentos de felicidade ou próximos disso. Aconteceu entre os anos 90 do século XX até à primeira década deste século, o momento em que a curiosidade levou Tara Westover a sair da montanha. Tinha 17 anos e, aos 27, completava um doutoramento em

Cambridge, no Reino Unido, coisa que não cabia na imaginação da rapariga que, com dez anos, trabalhava na sucata do pai, por onde já haviam passado os seis irmãos mais velhos. “Fora educada segundo os ritmos da montanha, em que a mudança nunca era fundamental, apenas cíclica. O mesmo Sol aparecia todas as manhãs, varria o vale e descia atrás do pico.

As neves que caíam no inverno derretiam sempre na primavera. A nossa vida era um ciclo, o ciclo do dia, o ciclo das estações, ciclos de mudanças perpétuas que, quando completadas, significavam que absolutamente nada mudara. Eu acreditava que a minha família fazia parte deste padrão imortal, que, de alguma maneira, éramos eternos. Mas a eternidade era apenas atributo da montanha”, escreve em *A Educação*, memória de como viveu e sobreviveu entre a natureza, um pai indulgente, religioso radical que acumulava alimentos, acreditando que o fim do mundo estava próximo, que dizia que “um dia haveria de viver completamente à margem do sistema”, uma mãe ervanária que lhes cuidava da saúde, os abusos de um irmão mais velho, e uma única expectativa de vida: “Quando fizesse dezoito ou dezanove anos, casava-me, o pai dava-me um canto da quinta, e o meu marido construía ali uma casa. A mãe ensinava-me a usar ervas medicinais e o trabalho de parteira (...) Quando tivesse filhos, seria a mãe a ajudá-los a nascer, e um dia, imaginava, seria eu a parteira.” Não foi assim. E *A Educação* transformou-se num dos textos mais comentados de 2018, com Bill Gates e Barack Obama a recomendá-lo, considerado um dos livros do ano em muitos suplementos literários e a sua autora olhada como uma espécie de heroína, com a capacidade de contrariar não a força de uma montanha mas a de um pai desequilibrado criador de um ambiente onde não havia espaço para outros modelos de vida que não aqueles que ele, nessamontanha, lhe reservava.

*Em inglês, quando se diz de alguém que é educado pode significar privilégio, academia, um monte de coisas. Quis libertar-me disso e fazer com que as pessoas se interroguem acerca do que significa ser educado*



TENHA ACESSO A MAIS ARTIGOS GRÁTIS  
Registe-se ou inicie sessão

“Acho que fui uma criança bastante feliz. Aquela era a realidade que conhecia”, diz Tara Westover ao Ípsilon, numa conversa a partir de um aeroporto, prestes a apanhar um avião para Nova Iorque, onde vive. Tem 32 anos, o livro saiu quando tinha 31, e faz tempo que não volta à montanha, embora ela permaneça na sua cabeça, “antiga e grandiosa como uma catedral”. Chama-se Buck’s Peak e fica no Sudeste do Idaho, junto à fronteira com o Utah. De lá, observa-se o regresso dos búfalos no início de cada primavera. A curiosidade de Tara pelo mundo fora da montanha aconteceu ao ouvir os CDs de um dos seus irmãos mais velhos, Tyler. Ele era um inconformado com o mundo à volta, queria estudar, e tinha o único “tijolo” lá de casa”. “Foi o amor pela música que me fez explorar um pouco mais, estudar além da família. Não foi tanto a curiosidade em geral, mas a curiosidade que vinha de um gosto muito específico”, conta Tara. Na altura, pediu à mãe para a levar à cidade mais perto, onde quase só iam aos domingos à missa.

Querida aprender a dançar. A “indecência” das roupas provocou a fúria do pai e levou a que a mãe a inscrevesse em aulas de canto. Sempre podia cantar na igreja, Ouviram-na e, pela primeira vez, viu um pai que não conhecia e se deixava encantar. Deixou-a ser Annie num espectáculo da cidade, porque ela era “uma graça de Deus”. Mas não participava das conversas dos outros, não sabia como. “Eu nunca aprendera a falar como pessoas que não eram como nós, que iam à escola e que consultavam médicos; que não se preparavam, todos os dias, para o Fim do Mundo”, lê-se. Pela primeira vez também, Tara teve o sentimento de não pertença, isolava-se. “Era um tipo diferente de isolamento [do da montanha]. Quando estava isolada com a minha família não sabia o que era isolamento porque estava com muitas pessoas, com pessoas a quem sentia pertencer”, diz agora. Tinha então 12 anos e fixa nessa altura o tal princípio da curiosidade. Diz: “Fui explorar o mundo lá fora pela música e uma vez que saí aí sim, comecei a ter um pouco mais de curiosidade e quis aprender acerca de um monte de coisas.”

Dividido em capítulos curtos, cada um a funcionar como um conto, o livro segue uma cronologia de vida numa escrita elegante, com descrições pungentes, perguntas difíceis de uma criança, depois adolescente e uma jovem mulher sobre a sua relação com a família, com a religião, a procura de uma identidade, o questionar do papel da mulher, da poligamia entre os mórmons, o sentimento de culpa ou de traição que se instalava à medida que o seu conhecimento do mundo lhe mudava a perspectiva e a afastava irremediavelmente desse núcleo que aprendeu como essencial: o pai, a mãe, os irmãos, a casa, Buck’s Peak e uma doutrina, a de que “não podiam existir duas opiniões razoáveis sobre o mesmo assunto”, ou seja, “existe a Verdade e existe a Mentira”. Eles eram, achava Tara, “os únicos verdadeiros mórmones que conhecera”. O livro de Tara tem sido comparado ao também muito aplaudido *The Hillbilly Elegy* (2016), de J. D. Vance, na altura com 31 anos (publicado em Portugal em 2017, pela D. Quixote, com o título *Lamento de Uma Família em Ruínas*). É também uma memória centrada num modelo familiar de uma América rural condenada pela sociedade que aprecia o sucesso e o dinheiro. Lá, estamos no Ohio interior narrado na primeira pessoa por alguém que conseguiu vencer o estigma e licenciar-se numa das prestigiadas universidades da Ivy League. **Foi apontado como um livro essencial para entender parte da América que elegeu Donald Trump.** “Acho que estilisticamente são dois livros muito diferentes, mas os dois vêm de um universo rural remoto. Há essa semelhança. E acho que ele faz um pouco de sociologia; eu conto uma história, só isso”, afirma Tara Westover.

É a história de uma rapariga que aprendeu a ler em casa, com a mãe, e que leu e sublinhou o Antigo Testamento, o Livro de Mórmon; que aprendeu a história de pioneiros, seus antepassados

que se aventuraram “pelas regiões selvagens americanas”, e desenvolve uma aptidão crucial, “a paciência para ler coisas que ainda não compreendia”, e aos 16 anos decide pedir equivalência ao ensino secundário, num exame em que passou, e aos 17 se candidata a uma universidade em Salt Lake City. Leu todos os livros, conseguiu nota e entrou. Aí, foi confrontada com a sua mais terrível ignorância. **Numa aula de História de Arte, levantou o braço para perguntar o que significava uma palavra. Nunca a ouvira, nunca a lera. Holocausto.**

“Não sei se o choque foi por ter descoberto uma coisa horrenda ou por ter tomado consciência da minha ignorância”, escreveu. Também não sabia da escravatura, da luta pelos direitos civis nos anos 50 e 60 do século XX. Diz na conversa:

**“Foi chocante a escala do quanto eu não sabia.** E se eu não sabia aquilo que mais não saberia?” Estava traçada a sua área de interesse. A História. Na escrita deste livro, acaba por aplicar o método da pesquisa dessa disciplina. “Tentei, tanto quando possível, confirmar a informação acerca dos factos que tinha nos meus diários.

Entrevistei pessoas, tentei documentar-me para desfazer discrepâncias. **Acho que a minha formação em História influenciou o modo como encarei o livro e o escrevi;** estabeleci uma cronologia e o modo como isso me permitia chegar a outros pontos de vista. É isso que a boa História faz, tocar outras narrativas, outras perspectivas”, argumenta. E pôs isso no livro, admitindo terem sido poucas as referências da literatura. Aos 16 anos leu *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, e não foi capaz de distinguir Napoleão de Jean Valjean, o protagonista. Para ela eram duas figuras reais. “Demorou até ser capaz de distinguir entre história e ficção. **É preciso aprender a ler literatura.** Levou-me muitos anos”, admite.

Nos anos de Salt Lake City e depois, quando ganhou uma bolsa para estudar em Cambridge, e mais tarde quando foi convidada a fazer doutoramento em Harvard, e mais tarde ainda, quando voltou a Cambridge, estava exposta apenas à História e à Filosofia. “Nunca li muita literatura até decidir escrever este livro. Talvez os meus preferidos sejam Joan Didion, Tobias Wolff, Muriel Spark. Não li muitas memórias, mas li *O Ano do Pensamento Mágico*, de Didion, e achei maravilhoso”. Por essa altura já havia sido confrontada com as várias perspectivas acerca da História, diferentes maneiras de olhar o passado e isso desenvolveu uma espécie de independência de pensamento diante de muitas coisas.

Filosofia, política, religião... **“Assim que nos apercebemos que há ideias diferentes das das pessoas que nos rodeiam nunca se sabe até onde isso pode ir”**, afirma Tara que vê isso como o grande desafio e também por isso decidiu escrever este livro em registo de memória. “Achei que a memória seria mais útil. Há uma grande estranheza, e mesmo estigma, que leva a que muitas pessoas não falem de forma aberta acerca de experiências limite. Quis que o livro pudesse ser útil a quem estivesse a lutar com isso. A memória é como se alguém estivesse ali a dizer: aconteceu-me isto.”

E o leitor acompanha a transformação de Tara de forma dura, partilha inquietações, entende a raiva, sente a humilhação, a fragilidade, a incapacidade dela perante o silêncio dos outros e a auto-justificação de que o mal está com ela porque ela só sabe ler através do discurso deles, dos que a rodeiam. Há trauma e ele instala-se também nela, que se acha capaz de tudo, com um instinto que vê como um anjo da guarda. Custalhe ainda falar os maus tratos, mas fala. Para isso

escreveu, justifica. E interpreta a cumplicidade de quem sabia e nada fez antes os abusos. “As pessoas acharam mais fácil ignorar uma série de coisas.

**Os meus pais escolheram o caminho da negação e esse caminho era mais longo do que aquilo que eles pensavam.** Na minha família, era maneira normal de lidar com aquilo; fazia parte de uma normalidade com lidavam com coisas difíceis. Simplesmente não lidavam. E isso chegou a um extremo.” Parte da família não lhe fala, os pais puseram-lhe um processo em tribunal. **Ela é um elemento do Mal.** Assim, maiúsculo, como ela o aprendeu. “Querida contar uma história que desafiasse ideias pré-concebidas que temos acerca de educação. Muitas vezes pensamos em educação como tendo a ver só com graus académicos, que visa encontrar um emprego.

Pensamos em instituições, salas de aula, e trabalhos de casa. Quis contar as diferentes formas como a educação muda quem somos e muda a nossa vida. Em inglês, quando se diz de alguém que é educado pode significar privilégio, academia, um monte de coisas. **Quis libertar-me disso e fazer com que as pessoas se interroguem acerca do que significa ser educado.**” Daí o título e m interesse que não se esgotou com o livro. Tara Westover está a estudar os alunos em contexto. Não chegou a muitas conclusões, apenas que a maioria não pensa ir para a universidade, mas o que quer fazer na quinta, se semear batatas ou criar vacas. “Sim, estou a tentar estudar de que modo crescer em ambiente rural dificulta uma formação universitária.” Já chegou a conclusões? “Ainda não. Mas acho que tem muito a ver com o facto de não haver exemplos na comunidade, os jovens não conhecem quem se tenha formado. É muito difícil ultrapassar isso se nunca se viu ninguém e não se pede ajuda. É a minha experiência.” Quando terminou o livro mostrou-o aos irmãos com quem fala, os que, como ela, saíram da montanha e frequentam a universidade. Dos outros não sabe. O que ficou deles? “Muita coisa”, garante. E a religião? **“Já não sou religiosa, mas tenho alguma sensibilidade em relação ao mormonismo.** Não sinto que a minha família seja representativa do mormonismo, não sinto que a maneira como viviam seja mórmon; conheci muitos mórmons que iam ao médico e à escola. O meu pai era um radical e tinha ideias radicais acerca de tudo e também sobre a religião. Não culpo o mormonismo pelo modo como fui criada. Dito isto, já não sou mórmon. Gosto de avaliar cada coisa de cada vez, à medida que me vou deparando com elas e evitando visões dogmáticas.”

# Elogiada por Obama, autora enfrentou família para entrar na escola aos 17

**Tara Westover fala a VEJA sobre a vida reclusa articulada pelo pai extremista até a defesa de seu doutorado em Cambridge: 'Estudar foi viciante...'**

Por Meire Kusumoto - 20 set 2018, 08h00, revista VEJA

Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/elogiada-por-obama-autora-enfrentou-familia-para-entrar-na-escola-aos-17/>



Até os 17 anos, a americana Tara Westover nunca tinha entrado em uma sala de aula. Dez anos depois, defendeu seu doutorado em história na tradicional Universidade de Cambridge, uma das mais conceituadas do mundo. Para isso, precisou deixar para trás, em sua cidade natal ao pé de uma montanha na área rural do estado de Idaho, nos Estados Unidos, um pai que estocava comida e gasolina para se preparar para o caos do fim do mundo, um irmão que a agredia e uma família que não acreditava no poder da educação ou da medicina tradicional. Tara é filha de mórmons sobrevivencialistas, como são chamadas as pessoas que acreditam que devem se preparar para emergências provocadas por catástrofes naturais ou rupturas na ordem social e política. O pai de Tara desacreditava o governo, por isso demorou até mesmo para registrar vários de seus filhos — a jovem, por exemplo, só ganhou certidão de nascimento aos 9 anos. Também não matriculou as crianças na escola e não se preocupava em levá-las para o hospital quando se machucavam — achava que sua mulher, que sabia trabalhar com ervas, poderia resolver qualquer enfermidade. Tara não convivia com pessoas de sua idade e só começou a frequentar aulas tradicionais na faculdade, depois de passar meses estudando sozinha em casa, escondida dos pais, para fazer o exame de admissão. A contragosto, seu pai

acabou aceitando que ela fosse estudar na Brigham Young University, uma faculdade privada mantida pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas a relação dos dois acabou se deteriorando até se tornar inexistente por outro motivo: a revelação por parte de Tara de que sofria com o abuso de seu irmão mais velho, Shawn, que, violentamente, torcia seu pulso, puxava seu cabelo e enfiava sua cabeça no vaso sanitário a cada desentendimento. Seu pai não aceitou que isso fosse verdade, e proibiu toda a família de manter relações com Tara. A jovem decidiu contar essa história no livro de memórias *A Menina da Montanha*, que acaba de ser publicado no Brasil pela Rocco. Lançada em fevereiro no país americano, a obra, que reflete sobre família e educação sem apelar para a autoajuda, se tornou um sucesso: angariou elogios da crítica especializada e permanece há 29 semanas na lista de mais vendidos do jornal *The New York Times*. Para finalizar, o livro ainda entrou para a lista de leituras de verão do ex-presidente americano Barack Obama, que chamou a obra de “excepcional”. A VEJA, Tara fala sobre a infância, os primeiros momentos na escola e a relação com a família. Confira a entrevista:

**Como descreveria a sua infância?** Foi complicada. Em muitos sentidos, foi bonita, cresci em uma bela montanha, meus pais me amavam, pude brincar na fazenda, onde tínhamos animais, era idílico. Mas o ferro-velho que meu pai mantinha era perigoso e, como meus pais não acreditavam em médicos, nós não recebíamos atendimento quando nos machucávamos. Eu tinha um irmão mais velho que era violento e algumas questões não eram resolvidas da maneira que deveriam ter sido.

**Acha que o que seu irmão Shawn fez vai impactar a sua vida para sempre?** Por um tempo, tive muitos problemas emocionais por causa disso, não conseguia confiar nas pessoas ou me abrir com elas. Levou alguns anos para que eu pudesse superar isso. Ele usava uma palavra com muita frequência comigo, uma palavra nociva e que me magoava. Ele me chamava de p\*\*\*. Para uma garota de 16 anos, isso influencia a percepção que ela tem dela mesma de uma maneira negativa. Meu irmão tem muito poder sobre mim, ele me definiu para mim mesma e acho que não há poder maior do que esse.

**Seus pais pararam de falar com você quando revelou o abuso que sofria de Shawn. Como lida com isso?** Para sempre será uma tragédia eu ter precisado abrir mão dos meus pais para que pudesse cuidar de mim mesma. Queria muito que essa escolha nunca tivesse existido, mas uma vez que apareceu, sou grata por ter conseguido deixá-los e cuidar de mim. Isso não significa que eu não os ame ou que não valorize a vida que eles levam, mas levou muito tempo para que eu percebesse que há limites para as obrigações que temos com as nossas famílias. Às vezes, quando o que você deve à sua família está em conflito com o que você deve a si mesmo, tudo bem escolher a si mesmo. Hoje não sei se um dia vamos voltar a ter contato, está fora das minhas mãos. É uma decisão que eles têm que fazer.

**Seu pai e seu irmão Shawn sempre falavam sobre como uma mulher decente deveria ser e agir. Como isso influenciou a sua noção do gênero feminino?** Internalizei parte da retórica que culpa a mulher por sentimentos e ações que os homens têm. Nunca tinha ouvido falar de feminismo até ir estudar em Cambridge, quando tinha 21 anos. Precisei pensar muito sobre essas ideias, textos e o que eu via. Cresci com uma ideia muito particular do que era ser mulher, e para mim isso estava muito ligado à maternidade. Eu não tinha uma concepção de mulheres fazendo ou sendo algo além disso. Levei muitos anos para que eu confiasse nos meus próprios

instintos sobre quem eu era em vez do que o que as outras pessoas me diziam. Hoje, me considero feminista.

**De onde veio a força para estudar sozinha para tentar uma vaga na faculdade?** Não tenho certeza, mas eu sabia que não queria trabalhar mais com o meu pai. Não tinha muita noção do que era educação ou faculdade, mas sabia que seriam coisas diferentes da vida que eu levava e que a vida que eu tinha não era o que eu queria. Quando descobri que tinha passado no teste e iria começar a faculdade, aos 17 anos, fiquei nervosa e ao mesmo tempo animada, porque era uma oportunidade de sair pela porta e encontrar um mundo diferente.

**Como foi o período de adaptação?** Eu não tinha o traquejo social de que precisava, porque nunca tinha passado muito tempo com pessoas da minha própria idade. Acho que sempre terei um pouco de ansiedade social. Eu tendo a pensar demais nas coisas e a querer uma fórmula para interagir com as pessoas, e não existe fórmula. Nos estudos, também foi complicado, porque eu não tinha conhecimento sobre muita coisa. Uma das primeiras questões que fiz na faculdade foi perguntando o que era o holocausto, nunca tinha ouvido falar naquilo antes. Também não sabia o que eram direitos civis e achava que a Europa era um país, não um continente. Havia muitos buracos na minha educação que me separavam dos outros estudantes.

**No livro, você conta que uma vez te perguntaram se sentia raiva por seus pais nunca a terem colocado na escola. Você, instintivamente, disse que não. Como vê esse assunto hoje?** Cresci com a forte ideia de respeito e não sentia que tinha o direito de ter raiva dos meus pais por isso. Sempre era meu instinto concordar com eles e não os criticar. respeito é uma coisa boa, no geral, mas no meu caso foi difícil por ter sofrido tanto na faculdade e não conseguir entender por que eu não tinha tido uma educação elementar. Foi difícil aceitar que eu talvez não concordasse com a maneira como meus pais tinham me criado.

**Por que decidiu estudar história?** Aprender sobre história, quando eu nunca tinha tido a oportunidade antes, foi muito viciante porque pude ver todas as perspectivas. Quando criança, fui criada com perspectiva do meu pai. De repente ter acesso a vários pontos de vista diferentes fez com que eu pudesse escolher o que pensar, e não apenas assumir a visão de mundo que meu pai tinha. Foi viciante e um ato de autoafirmação.

**O prólogo do livro diz que ele não é sobre religião, que há pessoas religiosas boas e ruins. Incomoda a você a associação que algumas pessoas fazem da religião como algo ruim?** É uma simplificação excessiva, reducionista. Há pessoas boas, ruins, gentis, imprudentes, patéticas, egoístas. Vi todo tipo de pessoa com todo tipo de crença e nunca achei que você ter uma crença define se você é gentil ou não. No caso do meu pai, a religião era um fator, mas eu sempre achei que ele sofria de alguma doença mental, como bipolaridade. Acredito que a doença mental provavelmente foi o que levou ao extremismo religioso e não o contrário. Hoje não sou religiosa, me considero agnóstica. Mas sou amigável a religiões, não tenho pensamentos ou sentimentos negativos em relação a isso.

**Como foi descobrir que seu livro estava na lista de leitura de verão de Barack Obama?** Foi muito emocionante descobrir que meu livro estava sendo lido por um ex-presidente. Fiquei muito animada e muito grata a ele por ter dispensado tempo para isso. Achei que ele trouxe boas reflexões.

# A americana que fez doutorado em Cambridge sem nunca ter ido à escola

Sean Coughlan / BBC News, 14 fevereiro 2018



Tara Westover entrou na faculdade aos 17 anos, após comprar livros escondida e se preparar sozinha para um teste. Anos depois, chegou a Cambridge

**A história de Tara Westover poderia ser um conto de outra época. Mas, diferente disso, é uma narrativa real que envolve uma vida familiar conturbada, preparativos para "o fim da civilização" e uma corrida pela educação que lhe rendeu o título de doutora aos 27 anos de idade, na Universidade de Cambridge - uma das mais prestigiadas do mundo -, sem ter tido qualquer educação formal na infância ou feito o ensino médio.**

Tara cresceu em Idaho, nos Estados Unidos, em uma família de sobrevivencialistas - como são chamados grupos ou indivíduos que se preparam para emergências em caso de possíveis rupturas na ordem política e social. Sua família via escolas como parte de um exercício de lavagem cerebral do governo a ser evitado a todo o custo e o resultado é que ela cresceu sem nunca ter pisado em uma escola. Seu pai, obsessivamente independente, estocava armas e suprimentos, pronto para o fim da civilização e para se proteger de qualquer tentativa do Estado de intervir em suas vidas. E essa lógica valia até mesmo em casos de emergência, como quando, por exemplo, a família se feriu em um acidente grave de carro, mas evitou hospitais por enxergar os médicos como agentes de um estado maligno. Também era um modo de vida profundamente controlador. A família fazia uma interpretação fundamentalista do Mormonismo - movimento religioso restauracionista iniciado no século 19 nos EUA - e estabelecia regras sobre aspectos da vida de Tara, como o que poderia vestir, seus hobbies e seus contatos com o mundo exterior.



Tara, em Cambridge: americana aprendeu a ler em casa porque o pai acreditava que escolas eram parte de um exercício de lavagem cerebral do governo a ser evitado a todo o custo

### **"Achava que os outros fossem alienados"**

Era uma vida dura, violenta e autossuficiente, como na série de TV americana "Little House on the Prairie" (pequena casa na pradaria). Tara se lembra que, com medo de incursões de agentes federais, seu pai comprou armas poderosas o bastante para derrubar um helicóptero. O estilo de vida que levavam significou, para ela, uma infância montando cavalos na montanha e trabalhando em uma sucata, mas não indo à escola. Ela diz que o argumento familiar em defesa da educação doméstica era, na verdade, um disfarce para nenhuma escolarização. Na época, não parecia estranho que não fossem à escola como outras crianças locais, diz ela. "Eu achava que eles estavam errados e nós estávamos certos. Eu pensava que eles eram espiritualmente e moralmente inferiores porque iam (à escola), eu realmente pensava", diz Tara, em Cambridge, onde vive agora. "Eu achava que eles estivessem sendo alienados e eu não."

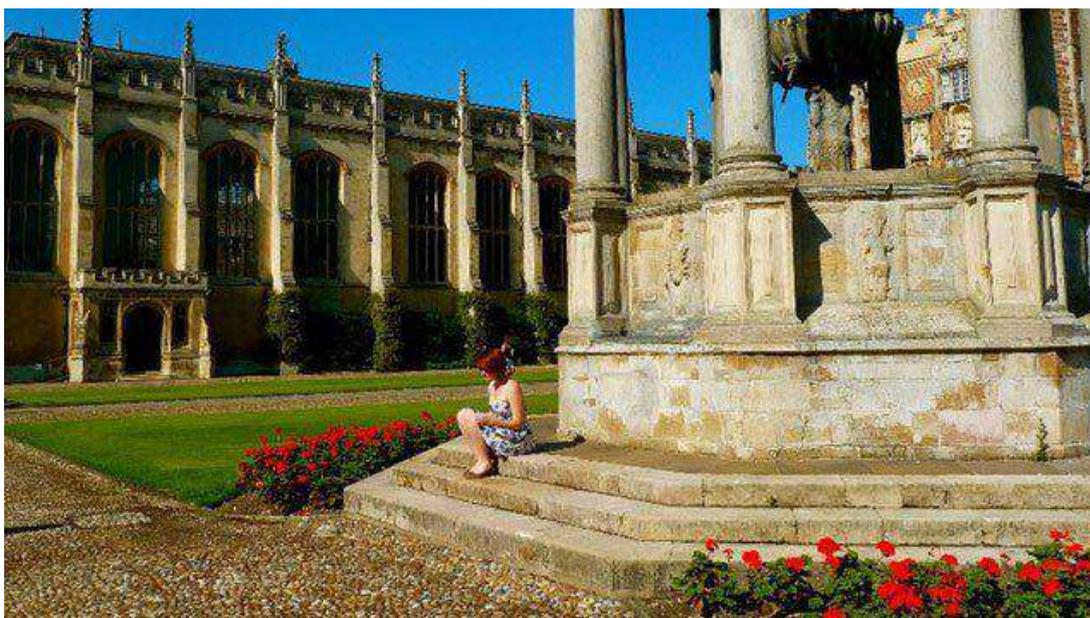


Tara vai publicar suas memórias de infância, com detalhes sobre sua educação não convencional

Tara, agora com 31 anos, escreveu um relato sobre sua infância, chamado *Educated* (Educada, em tradução literal), que está sendo publicada neste mês. Em grande parte se trata de uma autoeducação, porque a primeira vez que teve contato com aulas formais foi quando começou a faculdade, aos 17 anos. Ela havia aprendido a ler e escrever com sua mãe e seu irmão, mas nunca tinha aprendido nada sobre história, geografia, literatura ou o resto do mundo.

### **"Ensinar a si mesmo"**

O acesso aos livros era limitado a alguns títulos que se enquadravam na visão de mundo fundamentalista da família, e ela também trabalhou desde cedo. Mas tinha sido criada com uma crença feroz na capacidade de qualquer um aprender o que quer que fosse desde que se concentrasse naquilo. "Meus pais me diriam: 'Você pode ensinar qualquer coisa a si mesmo melhor do que outra pessoa o faria'. Esse era o espírito da minha família", diz ela. Buscando uma forma de sair de uma vida familiar restrita e emocionalmente claustrofóbica, ela encontrou uma universidade que a admitiria se passasse em um teste. Foi então que comprou em segredo os livros didáticos de que precisava e estudou metodicamente, noite após noite, até obter as notas necessárias. Mas quando chegou à sala de aula em 2003, aos 17 anos, ficou em um "estado de temor perpétuo". "Eu era como um bicho da floresta. Estava em pânico, aterrorizada o tempo todo. Achei que me pediram para fazer algo e eu não saberia o que era." "Tudo sobre a sala de aula era aterrorizante, porque eu nunca tinha estado em uma delas antes."



Tara chegou à faculdade com enormes lacunas no conhecimento, mas se dedicou e agora ostenta o título de doutora

### **'Não é uma esteira rolante'**

Havia enormes lacunas em seu conhecimento. Ela ficou chocada ao aprender, por exemplo, sobre o Holocausto pela primeira vez em uma aula de história. Sobre escravidão, seu único conhecimento prévio havia saído de um livro, no qual, diz ela, esse regime era apresentado como uma experiência benevolente e mais difícil para os proprietários de escravos. Depois de um início desastroso, ela manteve a mente focada nos estudos e provou ser uma aluna altamente capaz. Tanto que teve a chance de passar um período em Harvard e, depois, ir estudar no exterior, na Universidade de Cambridge. Ela conseguiu uma bolsa de estudos na universidade, com financiamento da Fundação Gates, e fez doutorado. Virou a doutora

Westover aos 27 anos, em 2014, sem jamais ter concluído o ensino médio. O assunto de sua tese foi uma comunidade utópica criada no século 19. A trajetória de Tara Lhe deu uma visão pouco ortodoxa sobre como a educação funciona. Ela diz que sua própria educação foi em boa parte uma alternativa extrema, mas tem dúvidas sobre a experiência convencional. "A maior preocupação é que isso parece um processo tão passivo e estéril. Uma esteira rolante onde você fica e de onde sai educado", diz. "Eu acho que muitas pessoas cresceram com a ideia de que não podem aprender as coisas por conta própria. Elas acham que precisam de uma instituição para lhes suprir conhecimento e ensinar a como fazer as coisas. Eu não poderia discordar mais", diz ela.



Uma década após iniciar estudos em uma instituição de ensino formal, sem qualquer tipo de formação, Tara se formou em Cambridge

### **Distanciamento**

Tara diz que se tivesse filhos não os enviaria à escola quando tivessem cinco anos. "Eles poderiam pensar que educação é se sentar quieto." Ela se distanciou de seus pais e de sua religião - e diz que romper com suas antigas crenças tem sido uma experiência traumática. Mas ela não se converteu acriticamente à nova vida e à experiência na universidade. Tara diz, por exemplo, que há menos tolerância a diferentes opiniões dentro dos círculos acadêmicos liberais da classe média do que havia entre os fundamentalistas estritos de sua infância. Ela afirma que rejeitou as políticas antigovernamentais extremas, mas que, na perspectiva da Idaho rural onde cresceu, isso fazia algum sentido. Para comunidades rurais tão isoladas, diz, o governo federal parecia uma "força alienígena e extremamente ineficaz". Nos relatos sobre sua criação, é possível ouvir algumas das ideias que alimentaram a campanha eleitoral do presidente Donald Trump.



Americana diz que parte mais difícil de escrever suas memórias foi falar de perdas, como Idaho, Estado onde cresceu e que deixou para trás

### **Memórias**

Tara diz que suas memórias de infância, incluindo suas descrições sobre a violência de seu irmão, não têm um "final feliz como nos cinemas". "Você pode sentir falta de alguém todos os dias e ainda se alegrar de não ter de vê-los", diz. As coisas mais difíceis de escrever não foram sobre as brigas com a família e as restrições que enfrentava. "O mais difícil foi escrever sobre as coisas boas, as coisas que eu perdi. O som da risada da minha mãe, o quanto a montanha era bonita." "É como ir ao casamento de alguém por quem você ainda está apaixonado."